

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.086

FORMAÇÃO DOCENTE E LITERATURA INFANTOJUVENIL: AUTOAVALIAÇÃO DISCENTE EM UM CURSO DE LETRAS – O ANTES E O DEPOIS DA DISCIPLINA DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

Maria Djany de Carvalho Araújo¹

RESUMO

A literatura infantojuvenil, apesar de sua grande relevância na formação educacional e humana, ainda é vista como menos importante dentro do âmbito educacional e social, em particular, da formação docente e na escola. Diante dessa problemática o trabalho em questão se propõe a apresentar a perspectiva discente acerca da relevância da literatura infantojuvenil enquanto disciplina de um curso de Licenciatura em Letras. Apresentar-se-á um panorama acerca da literatura infantil e juvenil no Brasil e, em seguida, os dados de uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Superior, a fim verificar possível desenvolvimento com relação à formação de professores e sua relação com a literatura. Quanto à metodologia, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de análise dos dados coletados a partir de um questionário aplicado. A fundamentação teórica baseia-se em estudos de autores, como: ABRAMOVICH (1997); COELHO (1991); GÔES (1991); SILVA, COUTO (2013); DAVID (2016); FLECK (2007); SOARES (2011); CURIA (2012); TODARO (2013); DOMINGUES, FURTADO, DEBUS (2021). E, no tocante ao questionário, obteve-se a participação de 54 alunos matriculados na disciplina de Literatura Infantojuvenil do Curso Superior de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), de um dos *campi* localizado no interior do Ceará. O referido instrumento apresenta perguntas objetivas e subjetivas, com temáticas diversas, como: contato do discente com a literatura infantojuvenil; predileção sobre tipologia/

¹ Mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE); Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (UECE); Especialista em Docência do Ensino Superior (Faculdade Kurios); Graduada em Letras: Português/Espanhol (UECE). Bacharel em Administração (UFC/UAB). Professora do IFCE, djanydcarvalho@hotmail.com.

gênero textual; autoavaliação discente acerca do conhecimento em literatura infantojuvenil, antes e após o término da disciplina; avaliação discente acerca das atividades de leitura, interpretação, análise de textos (teórico-científicos e/ou literários) e discussões em sala. A partir dos resultados coletados verifica-se que a maioria dos alunos teve acesso à literatura infantojuvenil antes do Ensino Superior; que os alunos apresentam diversidade quanto à preferência de tipologia/gênero textual; e observa-se expressiva melhoria quanto ao conhecimento em literatura infantojuvenil após o término da disciplina.

Palavras-chave: Formação docente, Ensino Superior, Literatura, Literatura infantojuvenil, IFCE.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil e a infantojuvenil são essenciais à formação leitora do ser humano. Embora sejam de grande relevância para a formação humana e acadêmica, ainda não possuem o reconhecimento merecido. Principalmente a literatura infantojuvenil pois, muitas vezes, ainda é vista como menos relevante, inclusive no ambiente educacional, seja na escola básica ou na formação de professores, quer inicial ou continuada.

Tomando como problemática a não valorização da Literatura infantojuvenil no meio acadêmico/profissional, em especial na formação docente inicial dos discentes do Curso de Licenciatura em Letras, e, considerando ser este um tema a ser debatido no meio acadêmico, o referido trabalho tem como objetivo principal apresentar a perspectiva discente acerca da relevância da Literatura Infantojuvenil enquanto disciplina obrigatória que compõe a grade curricular de um curso de Licenciatura em Letras. E como objetivos específicos: apresentar um panorama acerca da literatura infantil e infantojuvenil no Brasil; destacar a importância da literatura infantojuvenil na formação inicial dos professores de Letras; apresentar a uma autoavaliação dos alunos quanto aos conhecimentos adquiridos em literatura infantojuvenil, considerando seu possível desenvolvimento, tomando como parâmetro o antes e o pós-disciplina cursada na graduação.

Quanto à metodologia, utilizou-se de pesquisa bibliográfica seguida da análise dos dados coletados a partir do questionário aplicado via *Google forms*, com alunos do curso de Licenciatura em Letras, este composto por questões objetivas e subjetivas. Este trabalho divide-se em Introdução, Metodologia, Fundamentação teórica, Resultados e Discussões, e Considerações finais.

Por fim, tem-se, a partir dos dados coletados, que a maioria dos alunos teve acesso à literatura infantojuvenil antes do Ensino Superior; que os alunos apresentam diversidade quanto à preferência de tipologia/gênero textual; e observa-se expressiva melhoria quanto ao conhecimento em literatura infantojuvenil após o término da disciplina de literatura infantojuvenil cursada na Licenciatura.

LITERATURA INFANTOJUVENIL: DA LITERATURA INFANTIL À SALA DE AULA DO ENSINO SUPERIOR

A literatura infantojuvenil, assim como a infantil, são primordiais para a construção de um indivíduo leitor. Para além da construção lexical e de conhe-

cimento agregado, estas literaturas, assim como as demais, são arte e, por conseguinte, devem propiciar deleite, contemplação, identificação. Isto, porque a literatura caracteriza-se por unir arte e formação. Conforme Góes (1991, p. 27), “... o livro infantil ocupa um lugar privilegiado, pois é o ponto de **encontro entre duas artes, a da palavra e a da forma**, isto é, o texto e sua ilustração”.

Fazendo uma breve retrospectiva histórica sabe-se que a literatura infantil não surgiu com fins pedagógicos e, tampouco, considerando a criança enquanto ser em construção, com diferentes níveis lexicais e de conhecimento de mundo. Contudo, em meados do século XVII, a sociedade europeia viu a necessidade de elaborar manuais que colaborassem com a formação do miniadulto, concepção que se tinha da criança até então. Daí a preocupação em produzir obras literárias, oriundas inicialmente da coletânea de produções orais, até então, passadas oralmente entre gerações. Segundo Góes (1991, p. 75), “Na França, na segunda metade do século XVII, durante o reinado de Luís XIV, o Rei Sol, surge declaradamente uma preocupação com uma literatura para o público infantil e juvenil”. Assim sendo, a fim de atender a demanda surgida, já no início do século XVIII surgem as primeiras obras literárias com finalidade de atender o público infantil e infantojuvenil.

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 15)

Estas obras, importantíssimas na literatura infantil mundial, passam a ser referência a outros autores, atualmente também de tamanha notoriedade dentro do contexto literário mundial, como Hans Christian Andersen, os Irmãos Grimm, dentre outros.

O início da literatura infantil pode ser marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros “Mãe Gansa”, “O Barba Azul”, “Cinderela”, “A Gata Borralheira”, “O Gato de Botas” e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro de Andersen “O

Patinho Feio”, no século XX. Após surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro “Narizinho Arrebitado” e, mais adiante, muitos outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler (CADEMARTORI, 1994).

Considerando o contexto brasileiro, as primeiras obras literárias às quais as crianças e os adolescentes tiveram acesso, eram traduções destes clássicos europeus.

Autores todos da segunda metade do século XIX, são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. (...) Por isso, quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 21)

Monteiro Lobato além de ser um dos escritores responsáveis pela tradução das obras trazidas da Europa, é também o precursor na criação literária infantil brasileira. Esta, por sua vez, tem impulso a partir da segunda metade do século XIX, dando notoriedade a vários autores responsáveis por obras que alcançam gerações como Cecília Meireles, Olavo Bilac, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, Maurício de Sousa, Mário Quintana, dentre outros. Essa produção, cada vez mais profícua, é abraçada legalmente pelas instituições escolares, sendo a literatura formalizada como um dos instrumentos educacionais.

A literatura infantojuvenil foi incorporada à escola e, assim, imaginasse que - por decreto - todas as crianças passarão a ler... Até poderia ser verdade, se a leitura não viesse acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento. (ABRAMOVICH, 1997, p. 36)

A tentativa de aliar a literatura infantil e infantojuvenil à educação tinha e ainda tem a perspectiva de promover a leitura, o que não é equivocado. Talvez o incorreto seja acreditar que só por elas existirem no ambiente educacional, serão, por si só, desenvolvedora do hábito da leitura. Primeiro porque ler não significa apenas decodificar. Segundo, porque no Brasil, o livro ainda não é objeto acessível a todas às pessoas, quer por questões financeiras ou culturais. Tomando o custo financeiro das obras, tem-se que o livro, principalmente o literário, denominado por algumas escolas como livro paradidático, torna-se algo

distante de muitas famílias, em especial, daquelas menos favorecidas economicamente. Para além do financeiro, tem-se a questão cultural: muitos pais por não terem tido acesso à educação e/ou leitura não promovem esse contato para seus descendentes por não acharem tão relevante. E quando se tem a junção da rejeição cultural atrelada à questão financeira, a escola passa a ser o único lugar em que o aluno, criança ou adolescente, terá contato com a obra literária. Destaca-se, portanto, como de extrema relevância, o papel que a escola e, por conseguinte, o professor exerce na vida do aluno, sendo estes os responsáveis quanto à inserção do aluno no meio literário, construindo essa relação leitor-leitura literária.

Destaca-se também que, tão importante quanto o contato com a literatura seja também a apresentação da diversidade de gêneros que engloba tais obras literárias: desde os clássicos contos de fadas que, geralmente, são apresentados oralmente, quando o leitor é apenas ouvinte, nos primeiros anos de vida, função essa exercida pela família e/ou escola; perpassando às fabulas; segundo com as histórias em quadrinhos; chegando aos romances; deleitando-se com a poesia; dentre outros. Segundo Góes (1991, p. 102), “A literatura infantil apresenta-se ao leitor sob diversas formas e, principalmente, em sua divisão primeira de prosa e poesia”. O acesso à essa heterogeneidade é importante por promover contato com a arte, pela apresentação de diferentes estruturas textuais, mas, sobretudo, porque impulsiona a identificação do leitor/aluno com alguma(s) delas(s), sugerindo, assim, uma predileção específica.

E, perpassando as estruturas do texto (temáticas; elementos lexicais, semânticos, fonéticos/sonoros, imagéticos), há a contribuição no que diz respeito à construção de conhecimento de mundo do leitor, além de diversos outros elementos como explicita Góes (1991, p. 28): “Além desse aspecto essencial, o desenvolvimento da leitura entre as crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, no campo racional, no da cultura e da linguagem.”.

No que concerne à importância da leitura em todas as fases da vida, julga-se que, quanto mais cedo for este contato, melhor para o indivíduo, posto que contribui, significativamente, para a concepção do ser com um todo.

A leitura considerada no seu sentido lato, contribui substancialmente para o desenvolvimento da cidadania, resultando em um amplo processo de inclusão social e afirmação identitária. Daí a necessidade de sua promoção de forma orgânica e sistemática,

por meio da qual se confere ao cidadão maior competência profissional e inserção social. (SILVA; COUTO, 2013, p.11)

Ou seja, a leitura influi positivamente, inclusive, na formação pessoal, profissional, acadêmica e, especialmente, no desenvolvimento da criticidade, atuando na promoção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa.

Com efeito, é preciso antes refletir sobre o caráter social da literatura, uma vez que esta abriga, às vezes à sua revelia, contradições interiores, responsáveis primeiras pelas dificuldades de implantação de uma política continuada visando a sua difusão e democratização. Mesmo insistindo na qualidade cognitiva e na importância do ato de ler como mediador privilegiado das relações do eu com o mundo, esse ato pode vir a exercer um papel coercitivo quando incorporado, integral, asséptica ou acriticamente, a interesses pragmáticos e indiretos, como são aqueles a que a escola, conforme se disse, acaba servindo, interesses diferentes daqueles que são depositados na leitura e que justificam a reivindicação de uma atitude ampla por parte da comunidade que garanta a sua difusão por todos os seus segmentos. (ZILBERMAN, 2012, p. 20)

Para além do componente artístico, tem-se o social. Isto porque a literatura reflete e refrata as sociedades, promovendo reflexões, debates, identificações e ações.

Em se tratando das literaturas, como já mencionado anteriormente, ao longo dos anos, teve-se, no Brasil, um notório avanço no número de obras e de autores voltados à literatura infantojuvenil.

Ao se tratar da literatura infanto-juvenil, é comum que já consideramos livros direcionados a uma faixa etária exclusiva, que envolva a passagem da criança para o adolescente. Mesmo nessa razão, pode-se dizer que a literatura para o público infantil e adolescente é capaz de lapidar o imaginário humano e auxiliar a compreensão e a resolução dos conflitos internos que parem em cada indivíduo. (DAVID, 2016, p. 02)

Essas obras abordam várias temáticas, incluindo o debate sobre os temas relevantes à sociedade, conforme demanda atual, como por exemplo, questões étnico-raciais, de gênero, pessoas com deficiência (PcD), os conflitos adolescentes, além das temáticas tradicionais de aventura, de humor, de terror, de herói, dentre outros.

Com o desenvolvimento de estudos sobre a importância da leitura desde a mais tenra idade e sobre a qualidade dos textos a serem oferecidos para os mais jovens, as obras da literatura Infanto-Juvenil vêm ganhando um cuidado considerável, que, ao evitar o pedagogismo, trazem temáticas significativas para o alargamento dos horizontes de seus leitores. Dessa forma, a presença desses livros se faz necessária no cotidiano da escola, como importante ferramenta de construção humana, oportunizando o empoderamento do aluno (PATARO, 2020, p. 80-81)

Daí a importância de se levar à tona o uso destas obras para a vida dos alunos, seja no ensino básico ou no superior, quer no ambiente de sala de aula, da biblioteca, pelos corredores, em eventos ou através de pesquisas. A formação literária deve ser contínua e contante.

O certo é que, na Educação infantil, no Ensino Médio ou no Ensino Fundamental, a formação do leitor torna-se constante. Dessa forma, preocupar-se com a mediação literária e a forma como o objeto livro será apresentado à criança, desde o início da sua formação, é fundamental quando pensamos que a criança/aluno passa grande parte do seu dia nas instituições de ensino e, por vezes, não possui contato com o livro literário em outro lugar que não seja a instituição. Então, não há dúvida de que é nossa responsabilidade, como professores, planejar e proporcionar ambientes que incentivem a leitura literária. (DOMINGUES; FURTADO; DEBUS, 2021, p. 15)

Esse olhar educacional da abordagem da literatura infantojuvenil em sala de aula deve incluir a formação docente, seja inicial ou continuada. Principalmente por muitos ainda a julgarem como menor, ou sub-gênero.

A Literatura Infanto-Juvenil vista, por muito tempo, como um sub-gênero, vem ganhando espaço, estudos sistematizados e crítica especializada que destacam sua importância para a formação do jovem leitor da escola básica, entretanto, parece ainda não ter alcançado patamar considerável para se tornar disciplina obrigatória na formação docente (PATARO, 2020, p. 34)

Embora seja disciplina constituinte dos cursos de formação inicial nas licenciaturas em Pedagogia e Letras, nem sempre é postulada como disciplina obrigatória. Embora, como exposto aqui, deveria ser.

É importante que para isso o estado venha a contribuir incluindo no currículo obrigatório dos cursos de Licenciatura em Letras e

Pedagogia, uma disciplina que compreenda apenas a literatura, no ensino fundamental, uma vez que é exatamente para esse público que esse gênero é produzido. (DAVID, 2016, p. 17)

A sugestão de obrigatoriedade, principalmente na formação inicial, é uma preocupação com a prática literária na educação básica. Um professor que possui conhecimento teórico e prático sobre a literatura infantojuvenil seguramente terá uma práxis mais ampla, visto que a compreensão do assunto refletirá de maneira positiva em seu fazer docente, pois o mesmo terá melhores condições de abordar a literatura infantojuvenil junto às suas turmas, quer do Ensino fundamental ou do Ensino Médio. Esse conhecimento agregado ultrapassa apenas o saber acerca da necessidade da prática literária, mas inclui também um olhar mais atento quanto à seleção das obras e, sobretudo, no que diz respeito à prática das atividades realizadas a partir da literatura e da leitura literária.

Uma vez que como menciona Fleck (2007, p. 01) “A literatura infantil e infanto-juvenil é, por essência, a porta de entrada ao mundo da leitura e da literatura...”. Esta, seria por si só mais uma razão para a realização de várias pesquisas em prol da análise e da divulgação destas literaturas. Contudo, o que se percebe é que elas também sofrem as consequências da precariedade educacional.

Os espaços restritos que a literatura infantil e infanto-juvenil encontram no sistema educacional são, também, reflexo da precariedade em que se encontra a totalidade do processo de formação de leitores críticos em nosso país. Oportunizar, em primeira instância, a leitura de obras dentro deste contexto e, em outras instâncias, a discussão sobre a importância desta tarefa deve, portanto, ser elemento essencial na formação de profissionais da área da educação. Compreender a importância da iniciação do sujeito no mundo literário, por meio da exploração da literatura infantil e infanto-juvenil, é lançar boas sementes num solo fértil, que, no futuro, revelará frutos como a criticidade, o engajamento social e político, a consciência de que todo ser humano é agente histórico – elementos constituintes das ações de um leitor crítico, transformador do meio pela capacidade de compreensão e pelo domínio do poder da palavra como construtora de discursos. (FLECK, 2007, p. 25)

Embora tenha evoluído bastante, e ainda não tenha o devido reconhecimento, entende-se que a literatura infantojuvenil deve receber especial atenção de pesquisadores e de gestores na construção de políticas públicas que possam favorecer seu acesso e promoção. Ciente dessa necessidade, enquanto docente

de um curso de licenciatura, busca-se nas aulas da disciplina em questão, abordar, discutir e promover essa aproximação, que, por sua vez, poderá promover uma melhoria quanto ao olhar dedicado à ela e no que diz respeito à abordagem da literatura infantojuvenil nas diferentes instâncias do ambiente educacional.

A seguir será apresentada a metodologia utilizada neste estudo, seguido da análise de dados e considerações finais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa aplicada com fundamentação teórica pautada nos estudos de pesquisadores sobre os temas de educação, literatura infantil e infantojuvenil, além da relevância da prática na formação de professores.

O *corpus* deste estudo compreende 7 questões – subjetivas e objetivas – coletadas através da aplicação de um questionário aplicado com 54 discentes do Curso Superior de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) *campus* Baturité, matriculados na disciplina de Literatura Infantojuvenil.

Destaca-se que o que se apresenta aqui é um recorte uma vez que os objetivos desta pesquisa envolvem a autoavaliação discente acerca da disciplina e sua relevância na formação inicial. Por isso, as questões apresentam as seguintes temáticas: contato do discente com a literatura infantojuvenil; predileção sobre tipologia/gênero textual; autoavaliação discente acerca do conhecimento em literatura infantojuvenil, antes e após o término da disciplina; avaliação discente acerca das atividades de leitura, interpretação, análise de textos (teórico-científicos e/ou literários) e discussões em sala.

Os dados coletados foram analisados quanti e qualitativamente, conforme as possibilidades exploradas em cada pergunta, além de relacionar tais informações aos estudos de autores voltados à cada temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

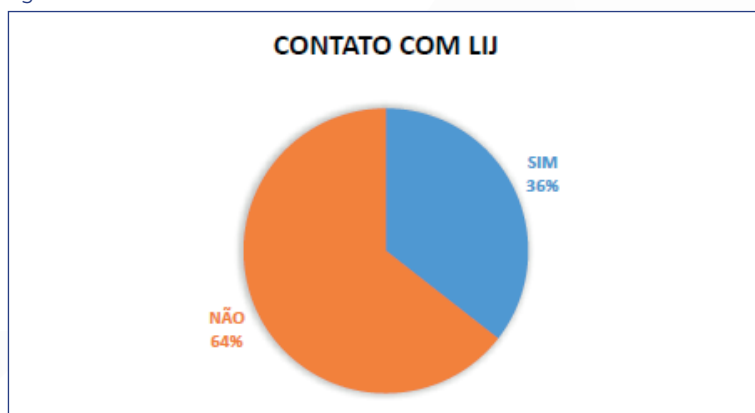
Uma vez que o propósito é apresentar um panorama acerca dos graduandos em Letras do IFCE *campus* Baturité e sua relação com a literatura infantojuvenil, inicia-se a partir deste momento a apresentação dos dados coletados através do questionário aplicado com os 54 alunos que se dispuseram a participar da pesquisa.

Situando o ambiente onde a pesquisa foi realizada, assim como seu *corpus*, destaca-se que, trata-se de um curso de licenciatura situado em uma região equidistante 100km da capital do Estado do Ceará. O público estudantil em questão é formado por alunos de diferentes cidades: da capital Fortaleza; de cidades que compõem o Maciço de Baturité; de outras cidades, tanto da região metropolitana, quanto da região do sertão central. Essa informação torna-se relevante por destacar que, a maioria dos alunos, provém de formação da educação básica diferenciada, contudo, prioritariamente de escolas públicas municipais e estaduais; além de uma minoria proveniente de escolas privadas.

A coleta de dados, como mencionada anteriormente, deu-se através de aplicação de formulário Google. E, para este estudo, fez-se um recorte de 7 questões que buscam avaliar a relação dos discentes de Letras, futuros professores de línguas e literaturas, tendo ênfase a disciplina de Literatura Infantojuvenil, ofertada como obrigatória na graduação, e a partir dela, analisar a percepção discente acerca da disciplina e dos materiais utilizados durante a formação acadêmica.

A primeira pergunta questionava acerca do contato do discente com a literatura infantojuvenil: “Seu primeiro contato com a literatura infantojuvenil aconteceu durante o curso de Letras?”. E apresentava duas opções como resposta, sendo este o resultado obtido: 16 alunos (36%) mencionaram que “sim” e a maioria, 29 alunos, o que corresponde a 64%, afirmou que “não”.

Gráfico 01: Pergunta 01



Fonte: Autora (2024)

Conforme os dados apresentados, para a grande maioria dos alunos, embora provenientes de regiões diferentes, e de escolas privadas e públicas, a literatura infantojuvenil lhes foi apresentada ainda no ensino básico.

Buscando compreender acerca do primeiro contato, inquiriu-se aos discentes que já haviam tido contato com a respectiva literatura, onde havia se dado esse contato: “Se assinalou a opção NÃO na questão anterior, favor indicar em qual(is) série(s)/semestres:”. Por ser uma questão subjetiva, verificou-se as seguintes respostas: 5 mencionaram na infância (“na infância”; “na infância em casa”; “quando criança”); e a grande maioria informa que o referido contato deu-se no ensino fundamental (“a partir da 1ª série”, “da 4ª série”, “da 5ª série”; “do 6º ano”); com destaque para 2 alunos que informaram “no ensino médio” e 6 discentes que informaram o contato já em disciplinas do ensino superior; além de 2 já quando estavam exercendo a docência, no ensino fundamental.

Por sua relevância considera-se, extremamente importante, que os alunos tenham tido contato com a literatura infantojuvenil já na educação básica, seja ofertada pela escola, experiência vivenciada pela maioria dos alunos, ou pela família.

A literatura infantil é comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor e um escritor adulto (emissor) e um destinatário - criança (receptor), que por definição do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e das estruturas linguística, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. (COELHO, 1991, p. 185).

Isto, porque, segundo Coelho (1991), a leitura literária, iniciada na infância não influencia apenas essa fase da vida, mas torna-se o ingresso para a representação do real e do imaginário, constituinte da imaginação e das demais dimensões que envolvem o ser humano, ou seja, uma experiência que o acompanha durante toda a vida. Para além disso, incentiva novas descobertas:

Além de proporcionar um **aprendizado emocional**, a literatura propicia também uma série de situações favoráveis a **novas descobertas**: “contato com a musicalização, com locais, com fatos históricos e geográficos, datas: trabalha-se com melodia, ritmo, expressão, oralidade e tantas outras formas de interdisciplinares de socialização e aprendizado” (DRAGO; 1998, p. 10).

Tomando como foco o despertar da leitura em suas várias facetas, a pergunta 03 interrogava acerca do gosto pessoal do respondente, no que diz

respeito aos gêneros e tipos textuais: “Considerando seu gosto pessoal, qual o tipo de texto/gênero textual de sua preferência/predileção?”. Por também se tratar de uma pergunta subjetiva a diversidade na resposta inclui: 6 discentes que informaram “romance”; 5 mencionaram “Gêneros narrativos”, sendo que um especificou “fábula, romance, contos”. Segundo Góes (1991, p. 102) “Em prosa encontramos lendas, contos, fábulas, histórias, novelas, que são as formas mais conhecidas”. Tem-se ainda que, 3 dos participantes indicaram respectivamente “cordel” e “contos”. Receberam 2 notificações: “gênero infantil”; “fábulas”; “história em quadrinhos (HQ)”; “ficção”; “fantasia”. E foram indicadas como resposta por apenas 1 participante: “crônica”; “terror”; “suspense”; “literatura inglesa”; “Todos”.

Essa predileção maior por gêneros em prosa como romance, contos e fábulas talvez seja influência da literatura infantil, visto que a maioria de nós leitores tem acesso a leitura a partir dos contos de fadas.

Os contos de fadas, narrativas da literatura infantil clássica, são histórias que possuem aspectos relacionados ao maravilhoso, cuja presença de entidades mágicas é um dos elementos constituintes de sua caracterização. Apesar de terem surgido há tanto tempo, também são marcados por um dos aspectos do texto literário: a atemporalidade, razão pela qual são traduzidos, recontados e recriados para diversas línguas e culturas, e também porque, de certo modo, encantam leitores e ouvintes ao fazerem referências às questões humanas essenciais. (AMADEI; CHRISTAL, 2013, p. 63)

Apresenta-se ainda as respostas dos alunos que citaram mais de uma opção como preferida: 4 mencionaram “Contos e romances”, e as demais sequências foram indicadas cada uma delas por apenas 1 aluno: “Romance, poesia e crônica”, “Maravilhoso, épico”, “Poema, romance, contos”, “Crônicas, fabulas e romances”, “Fabulas e contos”, “Romance narrativo”, “Filosófico, investigação”, “Ação, aventura, fantasia”, “Contos, crônicas”, “Fanfic, HQs”, “Romance, terror, ficção, fantasia”; “Romances e cristão”.

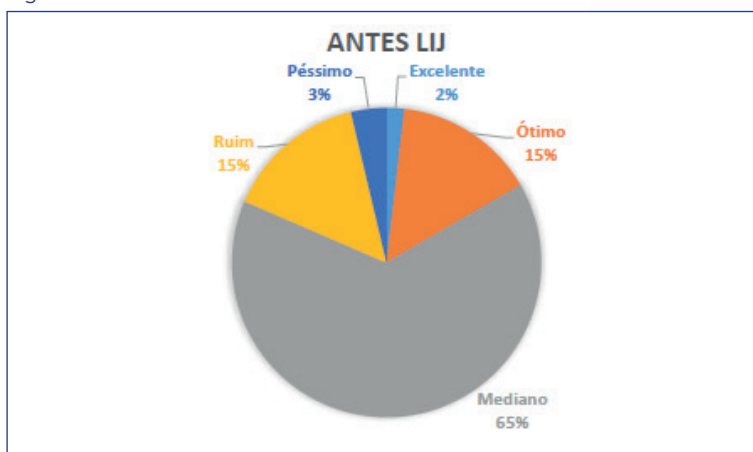
... a produção, dirigida à crianças e jovens, **vai dos contos de fadas aos quadrinhos**. Diferenciada, porque o estudo do conto popular, da cultura de massa e do texto literário pressupõe conhecimentos específicos e hoje bastante desenvolvidos, embora polemicamente. (KHEDE, 1990, p. 07)

Essa diversidade apontada pelos discentes também é positivamente significativa, pois a diversidade implica em múltiplos conhecimentos, inclusive com relação aos gêneros textuais.

Buscando uma comparação avaliação crítica realizada através de autoavaliação, acerca de próprio conhecimento do discente em literatura infantojuvenil antes e após a disciplina ofertada no ensino superior, tem-se as questões 04 e 05. Para cada uma delas, oferta-se 5 opções de resposta “Excelente; Ótimo; Mediano; Ruim; Péssimo”.

Observando a resposta dos alunos para a pergunta 04 “Como você avalia seu conhecimento em Literatura Infantojuvenil antes da conclusão da disciplina em questão?”. Conforme as respostas enviadas, verifica-se que a maioria dos discentes - 35 – o que corresponde a 35%, considera seu conhecimento como “Mediano”. Com 15% tem-se 8 alunos que consideram seu conhecimento como “Ótimo” e 8 que consideram como “Ruim”. E, por fim, apenas 01 alunos se avalia como “Excelente”, e 02 como “Péssimo”.

Gráfico 02: Pergunta 04



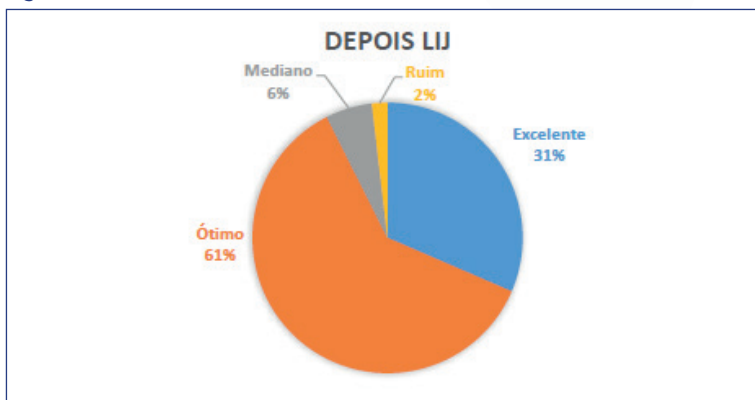
Fonte: Autora (2024)

Tomando as respostas, observa-se que os alunos, em sua maioria, apresentam conhecimento relativamente positivo (17% entre “Ótimo” e “Excelente”), tendo a maioria classificado seu conhecimento como “Mediano”.

A pergunta 5 buscava averiguar o processo evolutivo a partir do resultado final da disciplina: “Como você avalia seu conhecimento em Literatura Infantojuvenil após a conclusão da disciplina em questão?”.

Segundo os próprios alunos, 31% dos discentes classifica seu conhecimento como “Excelente”, 61% como “Ótimo”, 6% como “Mediano” e 2% como “Ruim”.

Gráfico 03: Pergunta 05



Fonte: Autora (2024)

Verifica-se, portanto, um avanço muito expressivo, uma vez que, segundo avaliação realizada pelos próprios alunos, houve um aumento no quantitativo de discentes que considera seu conhecimento como “Excelente”, alterando de 1 para 17. A classificação do conhecimento como “Ótimo” também apresentou evolução de 8 para 33; 03 discente seguem com conhecimento como “Mediano”, regredindo o percentual de 35% para 6%; apenas 01 aluno com conhecimento “Ruim”, apresentando também redução de 8% para 2%; e, por fim, nenhum assinalou a opção “Péssima”, quando antes haviam dois.

Esse resultado positivo provavelmente seja reflexo das ações realizadas e da metodologia adotada durante a disciplina, critérios que serão analisados considerando o tópico IV do questionário.

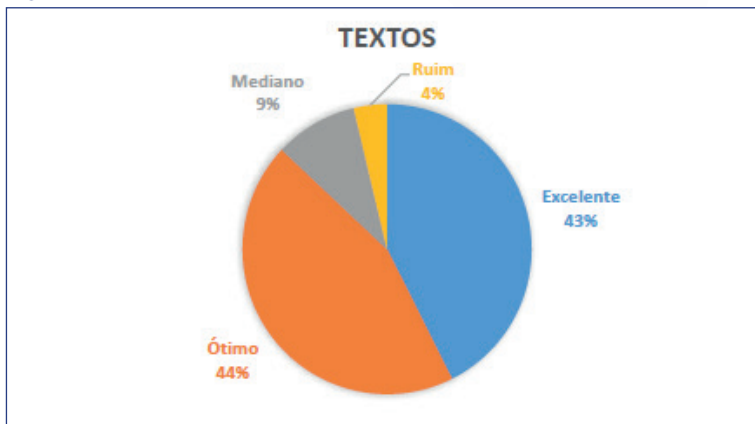
O tópico IV do questionário propunha que o aluno avaliasse o material utilizado durante a disciplina, incluindo leituras, indicações de obras, análise crítica e produção de material utilizado como fundamentação teórica para as discussões em sala.

A questão 6 inqueria acerca do material utilizado como suporte: “Leitura de textos diversos para debate/discussão em sala”. Como opções de resposta tinha-se 5 opções objetivas: “Excelente; Ótimo; Mediano; Ruim; Péssimo”.

Observando as respostas dos alunos, tem-se que a grande maioria classifica os textos utilizados como de boa qualidade, visto que 23 alunos (43%)

classificam o material indicado como “Excelente” e 24 discentes (44%), como “Ótimo”.

Gráfico 04: Pergunta 06



Fonte: Autora (2024)

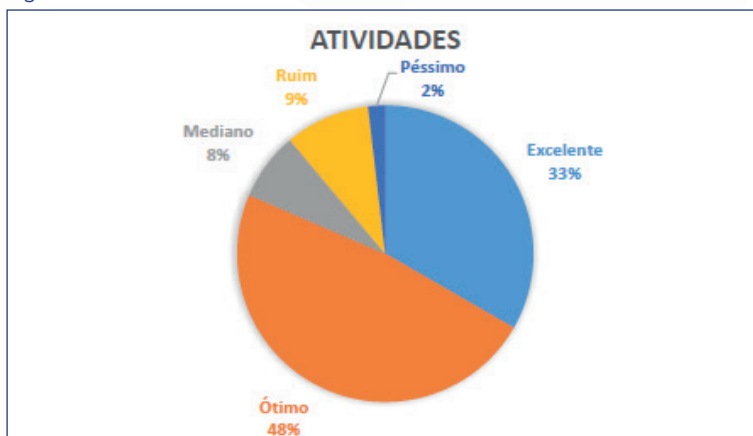
A leitura de uma forma geral, é uma excelente aliada na construção de conhecimento.

A leitura considerada no seu sentido lato, contribui substancialmente para o desenvolvimento da cidadania, resultando em um amplo processo de inclusão social e afirmação identitária. Daí a necessidade de sua promoção de forma orgânica e sistemática, por meio da qual se confere ao cidadão maior competência profissional e inserção social. (SILVA; COUTO, 2013, p.11)

A questão 7 indagava acerca da “Leitura, interpretação, análise de textos e atividade de escrita analítica/crítica”. Como opções de resposta tinha-se 5 opções objetivas: “Excelente; Ótimo; Mediano; Ruim; Péssimo”.

Para a grande maioria dos alunos - 26 - (48%), as atividades de leitura, análise e escrita foram consideradas como “Ótima”, seguida de 18 discentes (33%) que as classificaram como “Excelente”.

Gráfico 05: Pergunta 07



Fonte: Autora (2024)

Mais uma vez verifica-se que, para a maioria dos participantes, as propostas de atividades são avaliadas como muito positivas. Contudo, para 04 alunos (8%) elas se classificam como “Mediano”; para 05 deles (9%), como “Ruim” e apenas para 01 (2%), como “Péssimo”.

Essa análise acerca do material utilizado é imprescindível para o docente verificar se está, de fato, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento do discente.

Sendo assim, cabe ao professor universitário empreender reflexões acerca das habilidades que deseja auxiliar os alunos a desenvolver. Para tal, ele precisa deixar claros os objetivos das atividades e enfatizar o ensino por meio de um repertório de estratégias de comunicação, atuando como estimulador, crítico, encorajador, enfim, como mediador da aprendizagem. (CARVALHO, 2017, p. 198)

E não apenas apresentar textos canônicos, os quais não se deve refitar, mas também apresentar em sala estudos recentes conforme a necessidade do tema, autores que constroem dados dos quais os docentes e discentes podem dispor para melhorar a formação acadêmica e, sobretudo, a prática em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido estudo teve o propósito de discutir a relevância da literatura infantojuvenil na formação docente inicial dos professores de Letras, tomando

como *locus* o Curso de Licenciatura em Letras do IFCE *campus* Baturité e os alunos matriculados na disciplina de Literatura Infantojuvenil.

Coletou informações dos 54 participantes através de um questionário aplicado via *Google forms*, utilizando como *corpus* o recorte de 7 questões subjetivas e objetivas que compunham uma análise denominada Autoavaliação, através do qual os alunos avaliaram: contato do discente com a literatura infantojuvenil; predileção sobre tipologia/gênero textual; autoavaliação discente acerca do conhecimento em literatura infantojuvenil, antes e após o término da disciplina; avaliação discente acerca das atividades de leitura, interpretação, análise de textos (teórico-científicos e/ou literários) e discussões em sala.

Como resultado das questões propostas tem-se que a maioria dos alunos - 64% - teve contato com a literatura infantojuvenil antes do Ensino Superior, informação bastante positiva visto a relevância da literatura como um todo.

Considerando a diversidade de gêneros textuais, todos informam pelo menos um gênero de preferência, e alguns até mais de um, com destaque para romance, conto e fábula.

Considerando a formação a partir do material utilizado, incluindo “Leitura de textos diversos para debate/discussão em sala” e “Leitura, interpretação, análise de textos e atividade de escrita analítica/crítica”. Os discentes classificam, em sua maioria - 47 -, os textos utilizados como de boa qualidade: 43% classificam o material como “Excelente” e 44%, como “Ótimo”. Em se tratando de “Leitura, interpretação, análise de textos e atividade de escrita analítica/crítica”, a grande maioria dos alunos - 44 -, também avalia essa metodologia e recurso como positivo: 48%, como “Ótima” e 33%, como “Excelente”.

E, tratando especificamente do cerne do trabalho, “a autoavaliação - o antes e o depois da disciplina de literatura infantojuvenil”, verifica-se, portanto, um avanço muito expressivo, uma vez que, segundo avaliação realizada pelos próprios alunos, houve um aumento no quantitativo de discentes que considera seu conhecimento como “Excelente”, alterando de 1 para 17. A classificação do conhecimento como “Ótimo” também apresentou evolução de 8 para 33; 03 discente seguem com conhecimento como “Mediano”, regredindo o percentual de 35% para 6%; apenas 01 aluno com conhecimento “Ruim”, apresentando também redução de 8% para 2%; e, por fim, nenhum assinalou a opção “Péssima”, quando antes haviam dois.

Diante do exposto, acredita-se que, a abordagem da literatura infantojuvenil nas formações iniciais docentes, inclusive no curso de Licenciatura em Letras,

seja de enorme contribuição para a formação de um professor consciente e crítico, voltado para a abordagem da leitura literária em todo o ensino básico, utilizando-se de diversos gêneros textuais, obras que, por sua vez, devem abordar temáticas diversas e propiciar debates e construção crítica de linguagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

AMADEI, Glaucy Abdon; CHRISTAL, Wendel Cássio. Contos de fadas: uma leitura de “Soldadinho de Chumbo”, de Andersen, à luz da literatura e da psicanálise. In: LAURITI,

Thiago; CHRISTAL, Wendel Cássio. (Orgs) **Literatura Infantil e Juvenil**: Múltiplas abordagens. (Pedagogia de A a Z; Vol. 7). Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

CARVALHO, Maria de Lourdes Guimarães de. Letramento acadêmico no curso de Letras – Português. In: AGUSTINI, C., and ERNESTO, B., eds. **Incursões na escrita acadêmico-universitária: letramento, discurso, enunciação** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2017, pp. 193-219. ISBN: 978-65-86084-26-9. <https://doi.org/10.7476/9786586084269.0012>

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil /Juvenil**: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

DAVID, Ricardo Santos. Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade. **Cadernos discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p.66-84, 2016. (ISSN 2317-1006 - online).

DOMINGUES, Chirley; FURTADO, Thamirys Frigo; DEBUS, Eliane Santana Dias. A formação do leitor literário, da Educação infantil ao ensino médio: Pelas lentes de um olhar sensível. **CLARABOIA**, Jacarezinho/PR, n.16 (Educação literária), p. 208-224, jul./dez, 2021. ISSN: 2357-9234.

FLECK, Gilmei Francisco. O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor. **R. Língua e Literatura**. Frederico Westphalen v. 10 n. 14 p. 13 - 27 Jul 2007.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

KHEDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. História E Histórias. São Paulo: Ática, 2006.

PATARO, Neiva Zacarias Portes. **Literatura infanto-juvenil na sala de aula e perspectivas de empoderamento**. Dissertação de Mestrado – Universidade Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192072/pataro_nzp_me_assis.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em jul.2024.

SILVA, Maurício; COUTO, Rita. Literatura: como se lê, como se ensina... (Os mediadores de leitura e a promoção da leitura). In: LAURITI, Thiago; CHRISTAL, Wendel Cássio. (Orgs) **Literatura Infantil e Juvenil**: Múltiplas abordagens. (Pedagogia de A a Z; Vol. 7). Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Editora InterSaberes, 2012.